

UM MESTRE PARA RECORDAR

Conheci o Professor Feliciano aos 14 anos, estudando no velho anexo do Getúlio Vargas no Abial. Estavam anunciando bolsas de pesquisa no Instituto Mamirauá, e todos os meus outros colegas iam se inscrever, nosso professor era o inspirador de tudo aquilo. Eu os acompanhei, mas só para observar mesmo. Então Feliciano (ou professor FELICIDADE como o costumávamos chamar) me passou uma ficha, a qual logo recusei, pois aquilo não era para mim, sendo eu apenas uma menina de havaianas com pregos, mas ele INSISTIU e disse: “Tudo pode ser para ti se assim quiseres”. Então me inscrevi e fui a única do grupo a ser selecionada naquela edição.

Ele era um professor “carrasco” (risos), exigente e MUITO COMPETENTE, e fazia duras críticas ao sistema educacional público. Nós, apenas adolescentes, não entendíamos direito o que se passava. O que nos marcou naquele tempo foi o modo como nos tratava. Como adultos. Ele nos enxergava com todo respeito e via o POTENCIAL que pode nutrir a alma de um jovem rumo ao sucesso. Ele era o mestre, um mestre DIFERENTE.

Tive a felicidade de revê-lo na Universidade, onde nutrimos grandes DISCUSSÕES saudáveis nas aulas de Filosofia. Nossos pontos de vista eram bem distantes, mas ao sair da sala, sentava-se na rodada com a turma na praça de alimentação da UEA e se tornava um de NÓS. Amava discutir política, e até piadas contava.

O tempo passou, professora me tornei assim como ele, e orgulho me dava ser agora COLEGA de profissão do mestre. Um dia o encontrei na feira municipal comprando farinha ovinha e goma para o beiju, e, antes de qualquer palavra, com as mãos lotadas de sacolas, me abraçou e logo perguntou: “Menina por onde tu estavas?” Ah, vocês se lembram bem que da boca dele os verbos sempre eram bem conjugados. Me contou que estavam próximas as suas bodas e me convidou. Em uma igreja católica simples e bela o vi casar-se com sua linda noiva.

O domingo estava naturalmente frio aqui no Paraguai, para onde vim a fim de estudar, mas confesso que meu coração se CONGELOU mesmo ao saber que, na querida Tefé, a tal COVID 19 maltratou nosso guerreiro, que suportou até onde pôde. Nosso mestre não deu adeus, e assim creio que foi um ATÉ LOGO. Pois, quando nosso Mestre maior JESUS voltar, reencontraremos nosso professor. Professor de tantos tefeenses e coarienses também, muitos corações sofrem esta perda.

Ele não era só mestre, era amigo, colega, incentivador e haveria muito mais a dizer, um grande HOMEM. Feliciano Parente, um homem para se LEMBRAR.